

PARTE I

S E M I N Á R I O

BRITO BROCA E A VIDA LITERÁRIA NO BRASIL
(1903 - 1961)

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA
Fundação Casa de Rui Barbosa

Em 1924, já diplomado pela Escola Normal de sua cidade, Brito Broca mudou-se da província de Guaratinguetá para a capital de São Paulo, que era então, também, uma cidade provinciana, embora acabasse de viver a experiência revolucionária da Semana da Arte Moderna. Mas ele próprio, sempre comedido e discreto em suas manifestações literárias, não se engajaria nas lutas da nova escola. Ao contrário, em 1927 entra para a redação de *A Gazeta*, onde escreve, sob o pseudônimo de Lauro Rosas, a crônica de abertura da seção social, num estilo que lembraria o início da conferência que Menotti del Picchia pronunciara em Guaratinguetá, por volta de 1917, e de que ele nunca mais se esqueceu: "Um sorriso para o que foi, um sorriso para o que será, eis a vida, diz o sutil Pangloss..."

Na existência de Brito Broca, a primeira coisa, aliás, que chama a atenção é a maneira pela qual ele, de professor normalista, se tornou escritor. É verdade que as Escolas Normais criadas no interior do Estado de São Paulo no princípio do século se tornaram importantes núcleos educacionais, arregimentando grupos de professores que se projetariam na história do ensino público paulista. Assim aconteceu com as Escolas Normais de Itapetininga, São Carlos, Campinas e Guaratinguetá. Despertavam elas nos alunos o gosto da leitura e do estudo, e muitos jovens iam fazer ali o seu noviciado das letras.

Foi o caso de Brito Broca. Muito mais, porém, do que as aulas recebidas na Escola Normal, valeu-lhe a sua paixão pelos livros, aquela *joie de connaitre* que lhe marca a existência até o fim. No seu conhecido "Elogio do autodidata", Eduardo Frieiro - que, no assunto, podia falar de cadeira, pois também sem realizar estudos regulares conseguiu acumular extraordinária cultura - observou: "Os autodidatas levam uma vantagem sobre os que tiveram bons mestres e formaram o espírito com método: é que, aprendendo lentamente, com esforço enorme, com tateios, vacilações e passos em falso, o saber que adquirem é lacunoso e, via de regra, sem préstimo para a vida prática, mas em troca incorpora-se-lhes melhor ao próprio ser que aquilo que outros lhes poderiam ensinar."

A figura de Brito Broca me lembra sempre aquele personagem de Huxley que, "quando não estava lendo, estava pensando no que tinha lido" e para quem o mundo das aparências - denominação que gostava de dar à realidade visível e tangível - não interessava.

Em seu livro de memórias, confessa Brito Broca que, já nos longes da adolescência, não receava a solidão, conseguindo descobrir nela secretos encantos. O que o afligia é que, desde essa época, suas alegrias eram entrecortadas de vagos temores, "de estranhas inquietudes, das escaramuças destes nervos que me haviam de torturar pelo resto da vida". É que pertencia ele àquela família magnífica e la-

mentável dos nervosos, sobre a qual Proust nos deixou página memorável. "Essa família - acentua o escritor francês - é o sal da terra." E prosseguindo: "Tudo o que conhecemos de grande nos vem dos nervosos. São eles, e não os outros, os que fundam as religiões e produzem as obras-primas. O mundo jamais saberá o que lhes deve e, sobretudo, o que isso lhes tem custado."

Com espírito dizia Brito Broca que, tanto ou mais do que na vida real, na literatura há muita paixão não correspondida. No seu caso, porém, sempre houve perfeita correspondência, e servido por excelente memória, digeria e aproveitava muito bem as leituras que, insone, fazia noites adentro. Sua curiosidade intelectual desde muito cedo o levou a pesquisar o que estava por trás do fenômeno literário, que forças impeliam o escritor a escrever, de que modo explicar o mistério da criação poética. Isto fez com que, logo depois de formado, um seu professor de Guaratinguetá lhe observasse: "Você está querendo começar pelas partes mais altas do edifício literário, quando lhe faltam, ainda, bases sólidas para isso." Talvez o velho professor tivesse razão. A verdade, porém, é que, graças às suas infindáveis leituras, e às reflexões a que se entregava, Brito Broca chegou a conhecer como poucos todos os aspectos da obra literária. Por isso pôde dizer dele seu amigo Alexandre Eulalio, de forma um tanto esquemática, mas exata, que foi "o último boêmio e o primeiro pesquisador."

Da leitura dos autores nacionais, cujo conhecimento lhe terá chegado por intermédio dos excertos da **Antologia Nacional**, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, adotada na Escola Normal de Guaratinguetá, passou ele para os franceses, que lia diariamente. Sem mestres, com o auxílio apenas de manuais, gramáticas e dicionários, o aprendizado da língua francesa há de lhe ter custado grande esforço, mas, por fim, poucas pessoas, no seu tempo, conheciam tão bem como ele a literatura que nos vinha de Paris. Prova disso é o volume **Letras Francesas**, por mim organizado com os artigos escritos de outubro de 1956 a agosto de 1961 para o suplemento literário de **O Estado de S. Paulo** e publicado em 1964 pela Comissão Estadual de Literatura da Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo do Estado de São Paulo.

Se **A Gazeta** foi a grande escola de jornalismo de Brito Broca - estes **Papéis de Alceste**, que hoje aqui estamos lançando, dão bem idéia do que foi o seu trabalho de cronista - a primeira pessoa a acreditar no seu talento e na sua cultura foi Genolino Amado, que em 1937 lhe conseguiu um emprego no DIP, transferindo-se então o escritor para o Rio de Janeiro.

Aqui, além do trabalho conseguido pelo amigo Genolino, passou a prestar serviços a uma grande editora, onde, não raro, fazia dez notas diferentes a respeito de uma única de suas edições. Explica-se o fato. É que, naquele tempo, todos os jornais mantinham seus suplementos culturais e, no noticiário das novidades literárias, às vezes publicavam na íntegra as notas enviadas pelas editoras. É óbvio, porém, que essas notas tinham de ser diferentes - uma para cada jornal - pois do contrário a origem dos comentários se tornaria evidente. Brito Broca, então, a propósito de um romance, um volume de poemas, um estudo sociológico ou um livro de memórias, arranjava meios e modos de os apresentar ao leitor em dezenas de versões diferentes. Além dessas notas, traduziu muitas obras para essa editora, escreveu inúmeros prefácios e ali convivia com todas as grandes figuras da vida literária do Rio de Janeiro de então. No entanto, para ver impresso o seu primeiro volume de ensaios, teve de valer-se dos serviços de uma modesta editora de província - a Gualfra Ltda., de Curitiba, que em 1944 publica o seu **Americanos**, vol.15 da Coleção "Caderno Azul". Trata-se de pequena brochura, impressa em papel de jornal, onde foram reunidos sete ensaios sobre escritores ou temas latino-americanos

Outra pessoa que acreditou em Brito Broca foi Jorge Lacerda, o jornalista e político de ascendência grega que acabou se elegendo governador de Santa Catarina e, muito moço, morreu no mesmo desastre de avião que vitimou Nereu Ramos. A convite desse amigo, Brito Broca passou a colaborar no suplemento "Letras & Artes", de **A Manhã**, e em 1946 empreendeu uma viagem a Buenos Aires, como correspondente desse jornal.

Para um homem como Brito Broca, que vivia encharcado de literatura francesa, o sonho, evidentemente, era conhecer a Europa, e sobretudo Paris. Este ideal, ele o conseguiu realizar em 1948. Como, com justiça, já se disse, à maneira de tantos outros escritores deste lado do Atlântico, ele também "era um provinciano que reconhecia uma única e verdadeira capital: a Cidade-Luz". Auferir da existência tudo quanto ela nos podia dar de belo e de bom era uma receita que então só se aviava no **boulevard** - pensaria ele, com inúmeros patrícios nossos do seu tempo.

Um terceiro amigo teve papel decisivo em sua carreira literária: José Simeão Leal, que em 1957 publica, em edição do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, **A Vida Literária no Brasil - 1900**. O sucesso do livro, que no próprio ano do lançamento levantou quatro dos maiores prêmios literários do Brasil, o surpreende e quase atemoriza o grande tímido que era ele, mas, por outro lado, o anima a ir preparando a 2ª edição que revista e aumentada sairia em 1960, com todas as honras, na Coleção "Documentos Brasileiros", da Livraria José Olympio Editora.

A partir da publicação do livro que lhe deu renome nacional, a vida de Brito Broca tomou outro rumo, novos títulos vieram acrescentar-se à sua bibliografia e diversas oportunidades de trabalho abriram-se à sua frente, não só na **Revista do Livro**, do Ministério da Educação e Cultura, para onde o levou Alexandre Eulalio, mas também no **Correio da Manhã**, na época um dos órgãos da imprensa carioca de maior penetração e prestígio.

Continuava ele, porém, a mesma criatura desinteressada e pura que sempre fora, a cujo respeito já uma vez tive ocasião de escrever: "Nunca pensou em se arrumar na vida e isto porque, sendo solteiro, a vida material nunca foi objeto permanente do seu interesse. Títulos, posições, glória, dinheiro, nada disso, para ele, teve importância. Seria quando muito o acessório, não o essencial, na sua existência de extasiado permanente pelo poder literário. Comia, bebia e dormia sempre pensando nos livros que estava lendo ou nos livros que tinha ainda para ler nos dias subseqüentes, em todos os dias, em todas as horas, em todos os minutos. Horas de leitura, horas de viver."

Superadas, então, várias dificuldades de ordem pessoal, inclusive financeiras, residindo em apartamento pequeno, modesto, mas próprio, e não mais no Hotel Perfeito, onde um dos raros amigos a visitá-lo era Carlos David, poderia ele, afinal, produzir a obra que fosse o espelho da sua invulgar cultura e justo prêmio a tanto esforço e dedicação às letras.

O material que vinha recolhendo para escrever os outros três tomos planejados de **A Vida Literária no Brasil** - sobre o período colonial, o Romantismo e a época modernista - e que Alexandre Eulalio, em boa hora, teve a sabedoria de preservar, deixa entrever o que seria, no conjunto, essa obra - o mais completo painel das modas, dos hábitos literários, das influências e pressões sofridas pelos escritores no Brasil, desde as primeiras manifestações de um pensamento original, até a Semana de 22.

Assim, porém, não quiseram os fados. E na madrugada de um domingo - 21 de agosto de 1961 - um automóvel que talvez nem estivesse em excesso de velocidade deixou estendido para sempre no asfalto da Praia do Flamengo, nas imedia-

ções da Rua Dois de Dezembro, o corpo do escritor. Era a Semana de Caxias. Naquele ano, a parada militar seria junto ao Monumento dos Pracinhas, na Praça Paris. Em consequência, todo o trânsito da Praia do Flamengo, inclusive do Aterro, tinha sido desviado para as pistas internas, junto à linha dos edifícios. Num segundo, um pequeno descuido ou um rápido alheamento da realidade levaram para a viagem sem regresso o companheiro admirável cuja memória hoje aqui nós todos homenageamos.